

ECOS DISCURSIVOS DA AD EM SALA DE AULA: DO PERÍODO DA ESCRAVIDÃO AO SÉCULO XXI

Nara maria Fiel de Quevedo Sgarbi (UNIGRAN)

sgarbi@unigran.br

Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo (UNIGRAN)

Esta pesquisa pretende realizar uma leitura de documentos legais, identificadas como cartas de liberdade e compra e venda de escravos, ocorrida nos século XVIII, nos municípios do Estado de Mato Grosso do Sul e correlacionar seus possíveis ecos discursivos com narrativas de alunos e professores do ensino fundamental de uma escola municipal de Dourados (MS). Como fundamentação teórica, seguimos os conceitos da análise do discurso de linha francesa, mais precisamente de Mainueneau (1996), Pêcheux (1990) e Orlandi (2007). Buscamos evidenciar como os resquícios discursivos dos anos de escravidão ainda produzem sentidos e determinam os lugares sociais dessa população. Podemos visualizar, em muitos documentos, pessoas negras sendo vendidas e avaliadas nos mesmos lotes em que eram avaliados os gados, cavalos e sacas de mercadorias da fazenda. Essa realidade pode parecer distante para muitos, não negros, porém, na atualidade ainda temos muitos “escravos” que trabalham em troca simplesmente do sustento físico, pois o sustento moral, esse, muitos não conseguem alcançar, sendo vítimas de um discurso racista, silenciado e conformista. Assim, os enunciados que temos em relação ao negro são provenientes da época da escravidão. Logo, quando ouvimos comparações de um negro com um macaco, como nas narrativas dos alunos, podemos atrelá-las aos enunciados antigos. Esses não são enunciados vazios, eles ecoam os mesmos enunciados que eram utilizados nos documentos analisados, em que os negros eram vendidos juntamente com os animais das fazendas. Por mais que os enunciados tenham sido produzidos em épocas distintas, com mais de cento e cinquenta anos de diferença entre as cartas e os discursos dos alunos, é perceptível que a carga semântica dos mesmos ainda é bem semelhante.